

O que o desenho industrial pode fazer pelo país?

Por uma nova conceituação e uma ética do desenho industrial no Brasil

Aloísio Magalhães



Aloísio Magalhães, designer, artista plástico, político, foi um dos fundadores da Escola Superior de Desenho Industrial e desempenhou papel fundamental no quadro da produção e divulgação do design no Brasil. Em 1977, em comemoração a seus quinze anos de existência, a ESDI promoveu um debate durante o qual Aloísio proferiu esta palestra. Naquela ocasião, já iniciada sua trajetória pela administração pública da cultura, movida inicialmente pela busca de um desenho nacional, havia criado em Brasília uma instituição dedicada ao registro de componentes da cultura brasileira, o Centro Nacional de Referência Cultural. Data da mesma época sua última participação em um projeto de design gráfico, o símbolo para o Banco Boavista. Não havia, entretanto, abandonado a idéia de ser designer. Ao contrário, é possível dizer que sua atividade de projeto transferiu seu foco, para se ampliar. Ao longo dos anos que se seguiram, poucos infelizmente, Aloísio Magalhães trabalhou como nunca para traçar um projeto de um novo Brasil.

Na ocasião em que comemoramos os quinze anos da fundação da ESDI, uma avaliação do caminho percorrido torna-se oportuna e até mesmo indispensável.

Dessa trajetória é possível identificar os parâmetros e indicadores positivos e negativos, que são instrumentos indispensáveis para, conscientes da realidade brasileira de hoje, projetar-se uma perspectiva futura, as novas coordenadas de uma ação adequada e eficaz.

O valor de uma ação se mede no tempo e se insere no processo histórico, não apenas pela sua duração temporal, mas também pela relação entre esta duração e a intensidade da atuação. Este parece ser justamente o caso. A ESDI identifica-se como marco da implantação da atividade no Brasil porque somente quando se inaugura uma estrutura que garanta a sua continuidade – a escola – uma atividade adquire verdadeiramente sua existência autônoma.

Este parece ser o sinal indispensável a qualquer seguimento de processo vivo: a preservação das espécies.

Assim os valores de continuidade e intensidade, adquiridos na ESDI, ou através dela, nestes quinze anos de percurso, representam para todos nós, profissionais de desenho industrial, o núcleo de condensação indispensável para uma reflexão.

Em primeiro lugar, reporto-me à escolha do modelo abrangente que foi adotado, dividindo a atividade em duas grandes áreas de atuação: a que se refere à forma do produto e a que se refere à comunicação visual. Guiados provavelmente mais por convergências ordenadas pela intuição do que pelo exercício racional de uma opção, essa escolha parece conter um paradoxo: pode a intuição induzir a um modelo voltado basicamente para a razão e o método? É provável que se tivéssemos exercido uma opção racional, teríamos preferido um modelo aparentemente mais próximo da natureza espontânea e intuitiva do nosso temperamento latino e tropical. Mas, na lógica das coisas, a intuição precede sempre a razão, o que vale dizer que o modelo adotado, aparentemente contraditório, provou ter sido o mais certo. Pois somente através dele nos foi possível introduzir os componentes da razão e do método necessários à formulação de uma dialética, com a nossa quase excessiva valoração dos elementos intuitivos.

A esses elementos oriundos de nossa latinidade, acrescentem-se os valores originais de uma cultura autóctone do índio brasileiro e, posteriormente, os de origem africana, como componentes básicos da nossa formação cultural. O cadinho assim formado indicava uma saturação carente de componentes da razão e do método: o mineral parecia ser turvo, sem a transparência cristalina do diamante.

Aliás, registre-se que esse fenômeno de adaptação entre a intuição e a razão não é original em nosso caso, pois encontra precedentes em outros momentos fundamentais de nosso processo histórico: José Bonifácio, o Patriarca da Independência, professor de mineralogia em Coimbra, espírito admirável pela formação antecipadamente científica, se apresenta como o arquiteto indispensável no processo, até então desordenado, da nossa emancipação política.

A posterior repercussão no Brasil do pensamento positivista, mais no que ele trazia como formulário de filosofia racional do que pela sua ordenação pseudo-religiosa, foi um elemento de grande importância para o processo de institucionalização de nossa República. Ou ainda, e mais próximo de nós, o traço original, espontâneo e intuitivo de Lúcio Costa ao riscar Brasília, revelando a simetria e a ordem cartesianas. O que de verdadeiro representou a adoção desse modelo, Desenho Industrial/Comunicação Visual na implantação do Desenho Industrial no Brasil?

Em primeiro lugar, evitou a natural fragmentação da atividade em inúmeras e imediatas especializações, antes que se pudessem avaliar as necessidades e as peculiaridades do nosso contexto sócio-econômico. Por outro lado, nos proporcionou a abrangente e ampla visão de conjunto, que só este modelo oferece.

É preciso atentarmos para o fato de que nesta segunda metade do século XX os conceitos de desenvolvimento sócio-econômico e das relações entre países de economia centralizadora e economia periférica necessitam ser revistos. Neste caso, nossa posição no domínio do Desenho Industrial pode oferecer, através da ótica abrangente que o modelo nos proporcionou, condições de reconceituar a própria natureza da atividade que nasceu voltada apenas para a solução de problemas emergentes da relação tecnologia/usuário em contextos altamente desenvolvidos, a bitola estreita da relação produto/usuário nas sociedades eminentemente de consumo.

Aqui, a natureza contrastada e desigual do processo de desenvolvimento gera problemas naquela relação, que exigem um posicionamento de latitudes extremamente amplas; a consciência da modéstia de nossos recursos para a amplitude do espaço territorial; a responsabilidade ética de diminuir o contraste entre pequenas áreas altamente concentradas de riquezas e benefícios e grandes áreas rarefeitas e pobres. Nestas é poderosa apenas a riqueza latente de autenticidade e originalidade da cultura brasileira. Naquelas a carência de originalidade deu lugar à exuberante presença da cópia e o gosto mimético por outros valores culturais.

Como segundo ponto desta reflexão, gostaria de enfatizar o caráter interdisciplinar do Desenho Industrial. Trata-se de uma atividade

contemporânea e, como tal, nasceu da necessidade de se estabelecer uma relação entre diferentes saberes. Nasceu portanto naturalmente interdisciplinar.

Isto coincide com a percepção, já agora não somente de pensadores isolados, mas também de organismos. Basta ver o último relatório do Banco Mundial, as últimas especulações do Clube de Roma, a recente criação do Fundo Internacional de Cultura pela UNESCO, as recomendações do Sínodo do Vaticano no documento “Justiça no mundo”. Todos conscientes de que o chamado processo de desenvolvimento de uma cultura não se mede somente pelo progresso e pelo enriquecimento econômico, mas por um conjunto mais amplo e sutil de valores. Isto quer dizer que só através da análise e de estudos interdisciplinares, se poderá alcançar a compreensão do conjunto de fatores que serão capazes de configurar um crescimento verdadeiramente harmonioso.

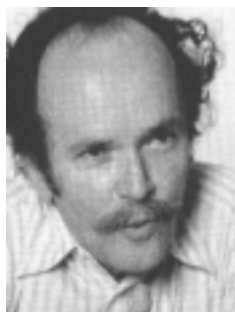
Aos fatores econômicos privilegiados até bem pouco foram acrescentados os fatores sociais e, já agora, a compreensão do todo cultural. O Desenho Industrial surge naturalmente como uma disciplina capaz de se responsabilizar por uma parte significativa deste processo. Porque não dispondo nem detendo um saber próprio, utiliza vários saberes; procura sobretudo compatibilizar de um lado aqueles saberes que se ocupam da racionalização e da medida exata – os que dizem respeito à ciência e à tecnologia – e de outro, daqueles que auscultam a vocação e a aspiração dos indivíduos – os que compõem o conjunto das ciências humanas.

Assim, da postura inicial de uma visão imediatista e inevitavelmente consumista de produzir novos bens de consumo, o desenhista industrial passa a ter, nos países em desenvolvimento, o seu horizonte alargado pela presença de problemas que recuam desde situações, formas de fazer e de usar basicamente primitivas e pré-industriais, até a convivência com tecnologias as mais sofisticadas e ditas ‘de ponta’. Já não há mais lugar para o velho conceito de forma e função do produto como tarefa prioritária da atividade.

Transitamos num espectro amplo de diversidade de saberes e de situações muito distanciadas: da pedra lascada ao computador.

Não estarão aí algumas indicações de uma reconceitualização da atividade?

Não será esta a tarefa que deveremos fazer?



Aloísio Magalhães, em 1974, em seu escritório.

Gloria Swanson fotografada por Edward Steichen em 1926.

